

# JOURNAL OF DEMOCRACY EM PORTUGUÊS

*Volume 13, Número 2, Outubro de 2024*

TRADUÇÕES

## **Quem decide o que é democrático?**

*Adam Przeworski*

## **Por que as autocracias temem os direitos LGBTQ+?**

*Gino Pauselli e María José Urzúa*

## **Europa Centro-Oriental: Os jovens e a extrema direita**

*Laura Jakli*

## **O modelo Bukele vai se espalhar?**

*Manuel Meléndez-Sánchez e Alberto Vergara*

## **Por que o México não está à beira do abismo**

*Viridiana Ríos*

---

ARTIGO INÉDITO

## **Construção da democracia na África Austral**

*Jonuel Gonçalves*

**PLATAFORMA  
DEMOCRÁTICA**

FUNDAÇÃO FHC  
CENTRO EDELSTEIN

[PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG](http://PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG)



# Europa Centro-Oriental: Os jovens e a extrema direita

*Laura Jakli*

*Laura Jakli é professora assistente de administração de empresas na Business, Government, and the International Economy Unit da Harvard Business School.*

Os partidos de extrema direita da Europa Centro-Oriental estão observando atentamente a mobilização de um segmento inesperado de eleitores: os jovens adultos. Os programas partidários de vários países deixam isso evidente. O partido *Revival*, da Bulgária, condena o “monstruoso colapso demográfico” do país e propõe “ações direcionadas a fim de criar incentivos para que os jovens búlgaros” permaneçam no país ou retornem a ele em vez de emigrarem para trabalhar no exterior. A *Alliance for the Union of Romanians* (Aliança para a União dos Romanos) afirma que “a Romênia deve deixar de ser uma grande exportadora de mão de obra barata” e que “seu estatuto garante o acesso de jovens às estruturas de liderança do partido, em todos os níveis, em proporções significativas”.

O *Homeland Movement* (Movimento Pátria), da Croácia, solicita que o Estado realize uma “revitalização demográfica” oferecendo aos jovens incentivos para que permaneçam no país, tais como subsídios para moradia e programas de benefícios profissionais. A ala jovem *do*

\* Publicado originalmente como “East-Central Europe: The Young and The Far-Right”, *Journal of Democracy*, Volume 35, Number 2, April 2024 © 2024 National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press.

*Estonian Conservative People's Party* (Partido Popular Conservador da Estônia — EKRE), conhecida como *Blue Awakening* (Despertar Azul), é responsável por apresentar aos jovens valores nacionalistas e uma visão de mundo conservadora, oferecendo-lhes a oportunidade de serem socialmente ativos e influenciarem a política do Estado estoniano, expandindo seus horizontes em questões sociais e proporcionando aos membros a possibilidade de criarem laços de amizade com pessoas de opiniões semelhantes. O *Our Homeland Movement* (Movimento Nossa Pátria, conhecido como MHM), da Hungria, detalha um programa de um novo despertar “no qual os jovens não sonham com o trabalho e a vida no exterior”. A preocupação da extrema direita com o iminente colapso demográfico intensificou os esforços para conquistar o coração e a mente dos jovens eleitores.

Mas será que a extrema direita tem motivos para acreditar que uma parcela significativa dos jovens da Europa Centro-Oriental pode ser de apoiadores latentes? Se pensarmos na compatibilidade ideológica em termos estáticos, a resposta é não. Pessoas entre 18 e 30 anos de idade constituem o grupo etário mais progressista da região quando se trata dos direitos das mulheres, da comunidade LGBTQ e dos imigrantes. O *European Social Survey* indica que a adesão à União Europeia (UE) e a conseqüente integração Leste-Oeste, ocorrida há cerca de duas décadas, conseguiram criar uma convergência nos valores liberal-democráticos fundamentais, principalmente entre os jovens que cresceram com seu país já pertencendo à UE. Os jovens adultos da Europa Centro-Oriental superam as gerações anteriores em nível de escolaridade e renda, bem como em atitudes cosmopolitas, o que lhes confere uma tendência a valores consistentes com o liberalismo ocidental.

Se, em vez disso, nos concentrarmos nas tendências temporais dos valores geracionais, podemos identificar dois motivos pelos quais as plataformas de extrema direita reverberam cada vez mais entre jovens de países da Europa Centro-Oriental que são membros da UE. Primei-

ramente, as pesquisas de opinião e os grupos focais indicam que o entusiasmo inicial pelo multiculturalismo liberal do Ocidente diminuiu.

Esse efeito parece particularmente pronunciado entre a mais nova geração de eleitores da Europa Centro-Oriental — a coorte que atingiu a maioria durante a crise dos refugiados sírios de 2015 e a consequente reação da direita. Esse grupo mais jovem absorveu muitas das opiniões anti-imigração que são comuns na região. À medida que o apoio aos imigrantes diminuiu, a aprovação a uma maior integração da UE enfraqueceu, e as pessoas que hoje têm entre 18 e 30 anos são menos propensas a concordar com a importância dos direitos das minorias para a democracia do que aquelas da coorte anterior. Simplificando, a narrativa nacionalista linha-dura promovida por líderes como Viktor Orbán, da Hungria, Robert Fico, da Eslováquia, e Andrzej Duda, da Polônia, no auge da crise dos refugiados, fez com que as atitudes dos jovens da região se deslocassem à direita.

No mesmo período, os jovens adultos ficaram atrás de outros grupos em relação ao entusiasmo pela democracia. Isso tem mais a ver com as armadilhas da democracia na prática do que na teoria. Houve uma deterioração significativa na percepção dos jovens da Europa Centro-Oriental sobre a integridade das eleições nacionais. Em uma escala de zero a um, eles têm 0,12 ponto a menos de probabilidade de acreditar que as eleições são livres e justas, comparando com a coorte de uma década anterior, e 0,14 ponto a menos de acreditar que o voto é uma forma eficaz de punir os partidos governistas por um desempenho ruim. Isso ocorre porque eles atingiram a maioria durante um período de hegemonia de um único partido e líder, no qual o poder raramente mudava de mãos, se é que mudava.

O partido *Fidesz* – União Cívica Húngara, de Orbán, está no poder desde 2010. O partido de direita *Law and Justice* (Lei e Justiça) governou a Polônia de 2015 a 2023; Jarosław Kaczyński é presidente do partido há 20 anos. Robert Fico, da Eslováquia, foi primeiro-ministro

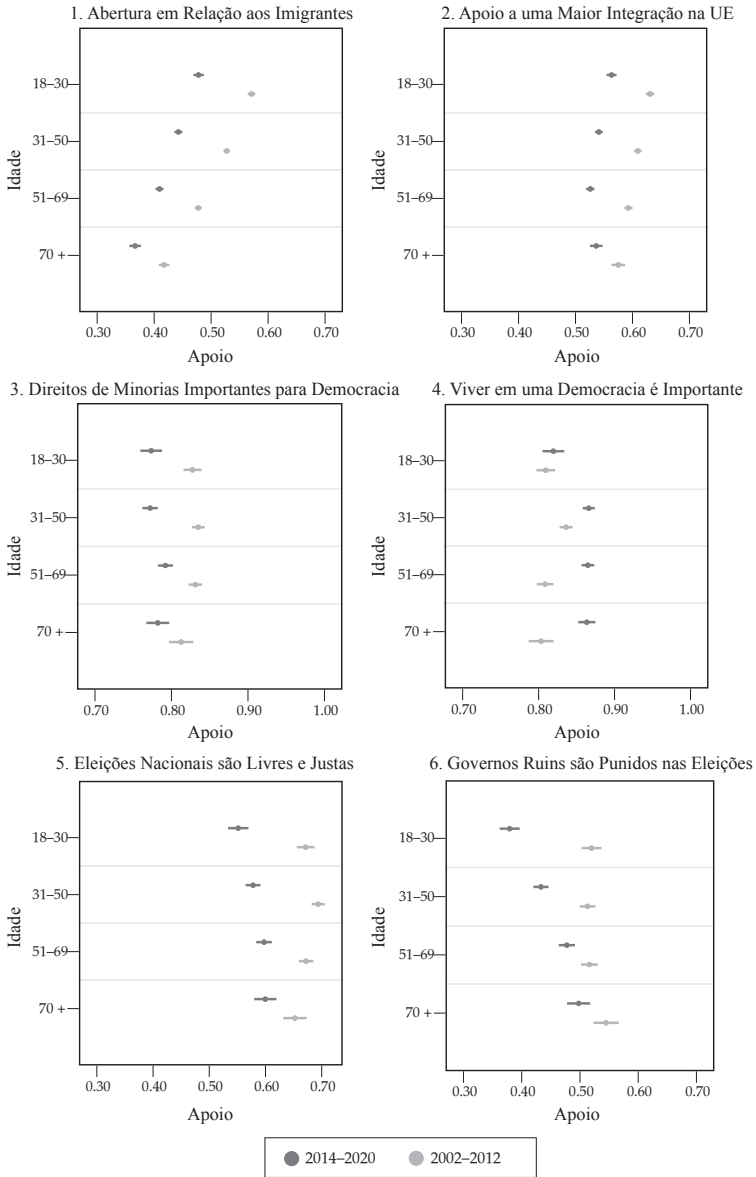
de 2006 a 2018, com uma interrupção de dois anos, enquanto seu partido (sozinho ou por meio de uma coalizão) dominou a política eslovaca de 2006 a 2020. Na República Tcheca, o partido populista ANO (Aliança dos Cidadãos Descontentes) fez parte da coalizão de governo de 2013 a 2021. A *Croatian Democratic Union* (União Democrática Croata) governou durante toda a década de 1990, em seguida participou de uma coalizão de 2003 a 2011, e voltou ao governo em 2016 também por meio de coalizão. O *Reform Party* (Partido da Reforma) da Estônia tem participado da maioria das coalizões governamentais desde 1995. Janez Janša, da Eslovênia, foi o primeiro-ministro de seu país três vezes entre 2004 e 2022.

Como ilustrado na Figura a seguir, essa dupla guinada — um afastamento tanto do multiculturalismo ocidental quanto do que é visto como democracias vazias lideradas por elites corruptas e envelhecidas — pode representar uma vantagem para as alternativas da direita radical que apresentam novos rostos com plataformas ousadas, simples e transparentes. Por enquanto, essa continua sendo uma ameaça incipiente.

Para a maioria dos jovens adultos, a atual manifestação dessa dupla guinada é mais uma intensa apatia política do que um apoio ativo à extrema direita. A parcela de jovens da Europa Centro-Oriental que relatam total desinteresse pela política dobrou de 20% para 40% na última década. Apenas um quarto dos jovens da região diz se sentir próximo a algum partido político<sup>1</sup>. A extrema direita da Europa Centro-Oriental espera aproveitar a dupla guinada para mobilizar esse eleitorado adormecido. Vários partidos de extrema direita já obtiveram algum sucesso com essa estratégia.

A Figura mostra a crescente desilusão dos jovens da região com a integração da UE e a democracia liberal, tanto ao longo do tempo quanto em comparação com outras coortes de idade. O eixo horizontal mostra o apoio que vai de baixo a alto, da esquerda para a direita, enquanto o eixo vertical identifica o grupo etário.

Figura - A Dupla Guinada Da Juventude Da Europa Centro-Oriental



Fonte: Amostra agrupada e ponderada do European Social Survey (rodadas 1-10). Médias dos valores agregadas no European Social Survey de 2002 a 2012 e de 2014 a 2020 para mostrar as tendências temporais com relação à crise dos refugiados sírios. Tamanhos das amostras: n=123.618 sobre imigração; n=98.081 sobre integração à UE; n=31.570 sobre direitos de minorias; n=31.949 sobre a importância da democracia; n=31.273 sobre eleições livres e justas; n=30.658 sobre punição a governos ruins.

Observando os gráficos de caixa 1 a 3, podemos ver uma queda na aceitação dos jovens em relação aos imigrantes, à integração da UE e aos direitos das minorias. Desde a crise dos refugiados sírios, a receptividade a imigrantes de diferentes etnias e de países mais pobres caiu, o apoio à integração na UE diminuiu e os direitos das minorias são avaliados como menos importantes para a democracia. Em cada um dos aspectos, a coorte de jovens foi a que sofreu a maior mudança de atitude.

Os gráficos de caixa 4 a 6 da Figura mostram a desilusão com a democracia na teoria e na prática. De 2002 a 2012, o valor que a coorte de jovens atribuiu ao fato de viver em uma democracia correspondeu ao valor expresso por todas as outras coortes. Entretanto, nos anos posteriores a 2012, as gerações mais velhas aumentaram seu compromisso com a democracia, enquanto a coorte de jovens ficou estagnada no mesmo valor. Assim, em termos relativos, a coorte de jovens agora dá menos importância ao fato de viver em uma democracia do que todas as outras coortes. Em parte, isso ocorre porque os jovens da região estão avaliando seu país de forma menos satisfatória no que se refere à integridade eleitoral. Conforme observado acima, é menos provável que eles acreditem que as eleições sejam livres e justas ou que o voto responsabilize os partidos governantes por mau desempenho.

## **Afastando-se do Multiculturalismo**

*A reação anti-imigração e a erosão dos valores da UE.* As experiências geracionais pelas quais as pessoas passam na adolescência e no início da vida adulta tendem a desempenhar um papel importante na formação das perspectivas políticas mais duradouras<sup>2</sup>. Para a mais nova geração de eleitores em toda a Europa, a experiência mais significativa pode ter sido a crise dos refugiados sírios de 2015. Embora muitas vezes se afirme, ou se insinue, que os europeus mais jovens

aceitam o multiculturalismo, enquanto os mais velhos permanecem céticos em relação a ele, tanto as pesquisas de opinião com séries temporais quanto as evidências qualitativas de grupos focais e entrevistas levantam dúvidas sobre essa suposição, sobretudo nos Estados-membros da UE da Europa Centro-Oriental.

Por que os jovens da Europa Centro-Oriental não são tão favoráveis à imigração e ao multiculturalismo quanto frequentemente se supõe? A explicação pode estar na forma como a crise foi “recebida” na Europa Centro-Oriental, diferentemente da Europa Ocidental. Os líderes da primeira região foram, na melhor das hipóteses, indiferentes em relação à chegada de refugiados e, em alguns casos, os rejeitaram por completo, juntamente com a proposta da UE de alocar os migrantes nos Estados-membros, atribuindo a cada país uma cota que deveria ser respeitada. Nada parecido com a mensagem “refugiados são bem-vindos”, apresentada pela Suécia na época, ou a declaração da chanceler alemã Angela Merkel de que “Wir schaffen das!” (“Vamos conseguir!”), foi ouvido na Europa Centro-Oriental. As diferenças nas atitudes dos líderes nas duas partes da Europa produziram efeitos significativos na socialização política dos jovens da Europa Centro-Oriental.

Além disso, pesquisas sobre contatos intergrupais preveem um retrocesso imigratório de longo prazo. Décadas de estudo indicam que o contato interpessoal pode, sob as condições corretas, reduzir o preconceito contra exogrupos. No entanto, tais condições são rigorosas: o contato deve ocorrer em ambientes bem integrados e institucionalizados, como as escolas. O contato interétnico casual e não estruturado, por outro lado, não reduz o preconceito, podendo até aumentá-lo por meio da ativação de estereótipos negativos<sup>3</sup>. As evidências da crise dos refugiados sírios confirmam que a exposição esparsa e de baixa qualidade a exogrupos pode induzir aumentos consideráveis e duradouros no sentimento de hostilidade dos nativos em relação a refugiados, imigrantes e minorias muçulmanas.



Além disso, foi demonstrado que essa exposição de baixa qualidade aumenta o apoio a políticas restritivas de asilo e imigração e estimula o engajamento político necessário — inclusive o voto na extrema direita — para efetivar essas políticas excludentes<sup>4</sup>. Em suma, há poucos motivos para esperar que os jovens da Europa Centro-Oriental sejam mais tolerantes do que a geração de jovens da década anterior, visto que um conjunto significativo de pesquisas embasa a plausibilidade teórica de um sentimento de hostilidade duradouro.

Esse ponto foi confirmado por entrevistas detalhadas e grupos focais com jovens da Europa Centro-Oriental. Em 2018, o *National Democratic Institute* (NDI), dos EUA, fez um estudo com jovens da Hungria, Polônia e Eslováquia e constatou que o apoio à integração na UE foi verificado junto com uma série de valores políticos que vão contra a estrutura multicultural da integração. Nos grupos focais poloneses, a maioria dos jovens estava satisfeita com a política do *Law and Justice* em relação à imigração, especialmente a rejeição das cotas estabelecidas pela UE. Alguns participantes deixaram clara a preferência por uma sociedade homogênea:

Muitos [participantes do estudo] acreditam que, como resultado [de sua homogeneidade], a Polônia é um dos países mais seguros da Europa, não tendo sofrido ataques terroristas. Não obstante, há uma ansiedade generalizada em relação ao terrorismo e até mesmo um medo das pessoas de pele mais escura, principalmente entre os jovens de 16 a 19 anos. Há também uma distinção entre imigrantes “bons” e “maus”. Os ucranianos são frequentemente mencionados como exemplos de “bons estrangeiros” que estão trabalhando e contribuindo para a sociedades.

O sentimento anti-imigração foi comumente expresso nessas pesquisas. Setenta por cento dos participantes na Polônia e 80% na Hungria e na Eslováquia discordaram da noção de que os imigrantes contribuiriam positivamente para sua sociedade<sup>6</sup>. Como indicam os

grupos focais do NDI polonês, a diversidade etnorreligiosa é uma fonte comum de desconforto em relação à imigração. Reforçando ainda mais esse ponto, um estudo realizado em 2021 pelo *Friedrich Ebert Stiftung* (FES), da Alemanha, com jovens entre 18 e 29 anos de toda a Europa Centro-Oriental, constatou que um terço deles rejeitaria totalmente ter muçulmanos como vizinhos, enquanto outro terço teria sentimentos mistos, na melhor das hipóteses<sup>7</sup>. A oposição a ter vizinhos muçulmanos ficou particularmente evidente na República Tcheca e na Eslováquia — dois países onde muçulmanos (sem mencionar refugiados muçulmanos) são escassos<sup>8</sup>.

Nas regiões ocidentais da UE, os jovens podem achar que se autodenominar de direita significaria correr o risco de serem estigmatizados. Entretanto, na Europa Centro-Oriental, os jovens adultos estão cientes de que suas opiniões são de direita e não se esquivam desse rótulo. Com exceção da Polônia, mais jovens da região se dizem de direita do que de esquerda<sup>9</sup>. Além disso, os grupos focais e as pesquisas de opinião do NDI indicam que os jovens adultos percebem que sua rejeição ao multiculturalismo representa uma rejeição a certos princípios da democracia liberal. As preocupações com a segurança no emprego e a ameaça do terrorismo levam quatro em cada dez jovens poloneses e seis em cada dez jovens húngaros a dizer que sacrificariam alguns princípios democráticos — como direitos e liberdades civis — para manter um padrão de vida mais alto e proteger a segurança nacional. Após o trabalho de campo realizado em 2018 na Hungria e na Polônia, o projeto *Voices on Values*, do *Open Society Institute*, chegou à mesma conclusão. Em 2020, o estudo de acompanhamento do NDI em quatro países confirmou as descobertas anteriores e identificou uma maior erosão do compromisso dos jovens com valores democráticos liberais.

A noção de um *trade-off* inerente em detrimento de outra entre esses aspectos sociais é frequentemente articulada por governos de direita em toda a região. Há quase uma década, os governos da Europa

Centro-Oriental da UE argumentam que o acolhimento dos refugiados sírios e a aceitação da diversidade étnica estabelecerão sacrifícios econômicos e de segurança para as economias nacionais com recursos limitados. Uma lógica de soma zero influencia a conversa sobre diversidade étnica e fronteiras abertas, especialmente no que diz respeito aos direitos civis e ao bem-estar econômico. Uma citação de um grupo focal do FES de 2021 na Estônia mostra como os jovens adultos internalizaram essa mensagem de soma zero: “Mas se eles [os imigrantes] exigirem mais direitos para si mesmos e receberem esses direitos, então pode haver uma situação em que os estonianos não sejam mais tratados como iguais a eles, porque os imigrantes teriam mais direitos”<sup>10</sup>. Porque os jovens trabalhadores estão em concorrência direta com os imigrantes estrangeiros no mercado de trabalho e estão expostos a esses supostos riscos, o aumento do ceticismo em relação à imigração entre os jovens adultos da região acaba sendo associado à desilusão em relação ao um projeto liberal-democrático mais amplo.

*Avanço simultâneo nos direitos das mulheres e dos homossexuais.* Atualmente, a principal divisão de valores entre os jovens da Europa Centro-Oriental e a extrema direita é o progressismo contínuo — e crescente — dos jovens eleitores com relação aos direitos das mulheres e da comunidade LGBTQ. De acordo com a série temporal do *European Social Survey*, os jovens adultos da região têm agora (em uma escala de zero a um) 0,1 ponto a menos de probabilidade de justificar a discriminação sexual nas contratações de funcionários do que os jovens adultos da década anterior. Embora o aumento da diversidade étnica e religiosa seja percebido como a mudança mais negativa na sociedade europeia, o aumento da igualdade de gênero é visto como a mais positiva em todas as pesquisas de opinião e grupos focais do NDI.

A desestigmatização da identidade LGBTQ e a aceitação dos direitos dos homossexuais também se deram rapidamente entre os jovens

da Europa Centro-Oriental. Mesmo no país mais religioso da região (Polônia), o *European Value Studies* indica que a distância social em relação à comunidade LGBTQ diminuiu substancialmente nos últimos 20 anos. Em 1999, 38% dos poloneses com idade entre 15 e 29 anos classificavam essas pessoas como vizinhos “indesejados”; em 2021, apenas 12% faziam o mesmo.

Embora sejam avanços sociais relativamente recentes, esses valores liberais são estáveis e difíceis de mudar por dois motivos. Primeiro, o *European Social Survey* indica que os jovens adultos estão “afastando-se da religião” muito rapidamente. Em apenas uma década, os jovens adultos da região passaram de uma pontuação média de religiosidade de 0,50 para 0,42 em uma escala de zero a um de religiosidade autodeclarada. Essa mudança aumentou seu compromisso com a política social laica: mais de três quartos afirmam que os valores religiosos não devem desempenhar nenhum papel, ou ter um papel pouco relevante, na política e nos assuntos públicos<sup>11</sup>. O apoio ao laicismo é quase tão alto entre os jovens de meios rurais quanto entre os de meios urbanos.

Além disso, entrevistas qualitativas indicam que a redução da distância social em relação à comunidade LGBTQ diminuiu o preconceito dos jovens da Europa Centro-Oriental e promove a abertura cultural por meio de contatos pessoais positivos. O *Center for Public Opinion Research* (Centro de Pesquisa de Opinião Pública — CBOS) da Polônia constatou que, em apenas 13 anos, a porcentagem de entrevistados que conheciam pessoalmente uma pessoa de orientação homoafetiva quase triplicou, passando de 15% para 43% entre 2008 e 2021.

Os estudos do FES cristalizam ainda mais essa discrepância na distância social entre os jovens da Europa Centro-Oriental e os muçulmanos, por um lado, e a mesma coorte de jovens e as pessoas LGBTQ, por outro. No mesmo estudo do FES com jovens, de 2021, em que um terço de todos os entrevistados tchecos, húngaros, poloneses e eslo-

vacos rejeitaram totalmente os muçulmanos como vizinhos, e outro terço relatou ter sentimentos mistos, apenas 14% rejeitaram pessoas ou casais LGBTQ como vizinhos e 30% demonstraram sentimentos de conflito. Na Eslováquia, esse estudo concluiu que a geração de eleitores mais jovem se considera muito mais tolerante em relação à comunidade LGBTQ do que as gerações anteriores. As entrevistas sugerem que, para muitos jovens, a aceitação LGBTQ de sua coorte agora serve como um claro motivo de orgulho.

Esses desenvolvimentos atitudinais sugerem que o foco da extrema direita nos valores cristãos não é atraente para uma juventude em grande parte não religiosa e com valores seculares, principalmente quando tal foco é combinado com plataformas anti-LGBTQ. Os partidos de extrema direita, no entanto, podem optar por suavizar sua retórica em relação às principais questões de gênero e sexualidade, preferindo, em vez disso, mobilizar os jovens eleitores ao retratar a imigração como uma ameaça simbólica e prática. Na Europa Ocidental e na Escandinávia, a direita radical já cooptou a retórica dos direitos dos homossexuais para justificar políticas anti-imigração e, em particular, anti-muçulmanas<sup>12</sup>. A mesma lógica molda o conceito e o fenômeno político do femonacionalismo<sup>13</sup>, conforme exemplificado pelas campanhas de extrema direita na França, Itália e Holanda que instrumentalizaram a igualdade de gênero em meio a esforços para banir a burca.

Uma estratégia alternativa pode ser a extrema direita da Europa Centro-Oriental desviar a atenção das questões dos direitos das mulheres e dos homossexuais para os tópicos mais polarizados da “ideologia de gênero” e dos direitos dos transgêneros. Os grupos focais conduzidos pelo FES e pelo NDI indicam que essas questões continuam sendo mais novas e altamente estigmatizadas na mente da população jovem da Europa Centro-Oriental. Como disse um jovem tcheco entrevistado pelo FES, “a homossexualidade é um fenômeno normal, por outro lado, 350 outros gêneros e os problemas com o banheiro — isso é

deboche e já foi longe demais”<sup>14</sup>. Essa mudança estratégica colocaria a extrema direita da Europa Centro-Oriental em sintonia com a direita ocidental, que recentemente progrediu significativamente em relação aos direitos dos homossexuais, mas trocou sua ênfase política anterior de contestar o casamento e a adoção por homossexuais por contestar os direitos dos transgêneros.

## O afastamento da velha política

Tradicionalmente, os estudiosos avaliam o ceticismo do eleitorado por meio de perguntas sobre a percepção das motivações eleitorais e más intenções dos políticos<sup>15</sup>. Com essas perguntas, os pesquisadores buscam mensurar o quanto as pessoas acreditam que os políticos se importam apenas consigo mesmos ou com interesses particulares e buscam angariar votos de cidadãos comuns, embora pouco ou nada façam para adotar suas preferências<sup>16</sup>. Um estudo realizado pela *Hungarian Academy of Sciences* (Academia de Ciências da Hungria) verificou que as três palavras que os jovens húngaros mais comumente associam à política são “corrupção”, “mentira” e “fraude”<sup>17</sup>. Nos últimos anos, o NDI, o FES e o *Open Society Institute* reuniram grupos focais em toda a Europa Centro-Oriental (incluindo os três Estados Bálticos) para investigar a profundidade e o grau de ceticismo entre jovens adultos. A expressão de ceticismo político pelos participantes dos grupos focais estava frequentemente associada a um repúdio fervoroso à corrupção governamental arraigada.

Essa associação deveria preocupar os estudiosos da democratização.

Quando questionados, os jovens eleitores geralmente classificam a corrupção governamental como uma das três questões mais importantes, tema que constantemente surge nas entrevistas e grupos focais. Isso sugere que a corrupção endêmica faz com que os jovens de toda a região se mostrem mais desanimados em relação ao valor e à importância da democracia.

Como afirmou uma pessoa de origem polonesa entrevistada pelo FES, “Penso que a democracia seja satisfatória, mas não em um país tão corrupto, com uma história tão longa, no qual, na realidade, temos hoje as mesmas pessoas que atuavam na Polônia comunista e que estão apenas usando máscaras diferentes”<sup>18</sup>.

O fato de muitos partidos e líderes partidários terem sido presenças quase constantes na vida de jovens adultos reforça ainda mais a noção de democracia como construto vazio. Uma húngara atualmente com 30 anos terá passado mais da metade da vida tendo Viktor Orbán como primeiro-ministro; um indivíduo polonês da mesma idade terá passado duas décadas tendo Jarosław Kaczyński como proeminente figura nacional à frente do partido *Law and Justice*; e um contemporâneo na Croácia terá passado 22 anos sob governos liderados pela *Croatian Democratic Union* (União Democrática Croata) ou coalizões que a incluam.

Metade dos jovens adultos da Europa Centro-Oriental entrevistados pelo FES em 2021 achavam que seus interesses não estavam sendo representados pelas elites políticas de suas respectivas nações. A situação nos Países Bálticos apresenta similar falta de vitalidade. Somente um em cada três jovens lituanos, dois em cada cinco jovens estonianos e um em cada dois jovens letões achavam que seus interesses estavam “muito bem” ou “extremamente bem” representados nos sistemas políticos de seus respectivos países. Como afirmou um jovem eleitor entrevistado pelo The Guardian durante as eleições parlamentares polonesas em outubro de 2023, “não houve mudanças nos últimos 30 anos e as mesmas pessoas continuam mamando nas tetas do governo”<sup>19</sup>. Nesses casos, o afasta-

---

***A extrema direita já obteve êxito em capturar os jovens da Europa Ocidental e Meridional — com grandes parcelas de eleitores jovens tendo optado por partidos de extrema direita na França, Alemanha, Espanha e Itália em eleições recentes.***

---

mento da democracia é sinônimo de afastamento da velha política que se caracteriza por uma rede restrita de elites envelhecidas.

Em toda a região, a extrema direita tem feito uso dessa narrativa em diversos ciclos eleitorais. Na Hungria em 2016, por exemplo, um líder regional de 24 anos do *Jobbik Movement for a Better Hungary* (Movimento por uma Hungria Melhor) fez referência a líderes ultrapassados e isolados ao expor a necessidade de uma ruptura política. “Por muito tempo, os dois maiores partidos da Hungria foram o *Fidesz* e o Partido Socialista, e seus políticos ficavam aparentemente tranca-dos em uma torre.”<sup>20</sup>. Essa mensagem tem consequências importantes; um sentimento muitas vezes recorrente entre os apoiadores do *Jobbik* antes da eleição parlamentar de 2018 era o de que “as lideranças e os membros de muitos [outros] partidos envelheceram tanto que eles não enxergam mais os problemas”<sup>21</sup>.

A estratégia de atrair jovens tem sido mantida com a formação de um partido mais radical, o MHM. Iniciado como um grupo de dissidentes de ex-membros do *Jobbik* que consideravam o partido muito moderado, o MHM tem reivindicado abertamente medidas segregacionistas (na educação e em outras áreas) voltadas para a minoria *romani* da Hungria. No início de 2023, uma bem-conceituada e apartidária empresa de pesquisa de opinião constatou que eleitores com menos de 30 anos preferiam o MHM a qualquer outro partido. Em seguida, líderes do MHM espalharam outdoors pelas maiores cidades da Hungria que diziam: “já somos o partido mais popular entre os jovens” e “o futuro é nosso”. Um dirigente municipal do MHM disse à imprensa, na ocasião do lançamento da campanha: “o segredo do nosso sucesso e o que torna o partido atraente para os jovens são a nossa natureza antiestablishment, nossas soluções inovadoras, nossas ideias radicais e o surgimento de caras novas e jovens na política”<sup>22</sup>.

A Estônia é outro exemplo disso. O EKRE (Partido Popular Conservador da Estônia), de extrema direita, ganhou força por meio de



apelos antissistema, denunciando que os partidos mais antigos e populares estavam tão tomados por corrupção e oportunismo político que nunca poderiam representar os interesses nacionais<sup>23</sup>. O manifesto de fundação do EKRE, de 2012, acusa aqueles que estão no poder e a classe política de forma mais ampla de “centralização não democrática” e “demagogia autoengrandecedora”. Embora não seja o partido mais popular entre os eleitores com menos de trinta anos, o EKRE tem como foco estratégico mobilizar jovens radicais por meio de sua ala juvenil, o *Blue Awakening* (Despertar Azul), há muitos anos. A estratégia do EKRE para os jovens também coloca uma ênfase retórica sobre a distinção entre uma política ativista autêntica e uma carreira política não autêntica.

Quando Ruuben Kaalep (nascido em 1993) — fundador do Despertar Azul e, desde 2019, o membro mais jovem do parlamento estoniano — anunciou que não disputaria as eleições de março de 2023, ele argumentou que afastar-se da política periodicamente “é algo que distingue a política baseada em princípios. Temos uma infinidade de políticos de carreira, pessoas que construíram sua vida inteira em torno da atuação como membros do parlamento e de uma imagem correspondente, e deixam escapar aquele algo a mais que poderia ampliar sua autopercepção e a compreensão de nosso Estado e nossa cultura”<sup>24</sup>. Essas críticas às elites tradicionais repercutem entre muitos jovens adultos que se sentem pouco incluídos pela política europeia contemporânea e pelos programas governamentais atuais.

## **Primeiros sinais de uma mudança em direção a alternativas radicais**

Na Europa Centro-Oriental, a maioria dos cidadãos jovens que criticam a forma como a democracia é exercida em seu país está optando pelo desengajamento político, em vez da mobilização. Muitos estão

escolhendo seguir carreiras no Ocidente, incluindo a vizinha Europa Ocidental. Aqueles que optaram pelo que Albert O. Hirschman chamaria de “ter voz” em vez de “sair” — ficar em casa e divergir em vez de emigrar ou se desengajar de outra forma — estão mudando o foco<sup>25</sup>. Eles colocam mais ênfase sobre a anticorrupção e a transparência e desejam “algo novo” versus “democracia no papel”. Na Hungria e na Eslováquia, um terço dos eleitores jovens prefere a ideia de um líder forte que desconsidera o parlamento e a sociedade civil. Na Polônia, esse número é de 20%<sup>26</sup>. O estudo de 2021 da FES que abrange sete países da Europa Centro-Oriental reflete e amplia essas constatações: um em cada dez jovens adultos rejeita categoricamente a democracia. Dois em cada dez afirmam considerar que uma ditadura é preferível sob certas circunstâncias. Metade prefere um líder forte que governe o país pelo bem comum<sup>27</sup>.

Uma ressalva importante é que esse afastamento do consenso democrático está ideologicamente mal distribuído. Entre jovens poloneses cujas respostas às perguntas do estudo os posicionam à direita no espectro ideológico, um em cada cinco discorda da afirmação de que a democracia é uma boa forma de governo. Entre seus compatriotas esquerdistas e centristas, esse número é de um em cada dez. Aqueles que se posicionam à direita estão mais inclinados a aceitar uma ditadura como forma excepcional de governo do que centristas ou esquerdistas<sup>28</sup>.

Esses dados sugerem que jovens eleitores latentes de extrema direita estão menos comprometidos com normas e padrões democráticos do que seus pares centristas ou esquerdistas. Isso está de acordo com os resultados de pesquisas experimentais recentes de sete países europeus, que incluem Estônia e Polônia, bem como seus vizinhos não membros da UE, Sérvia e Ucrânia. O estudo verificou que há dois grupos principais que expressam maior tolerância política ao autoritarismo, o que significa que eles estão menos dispostos a se

abster de votar em candidatos que violam princípios democráticos. O primeiro grupo inclui apoiadores de partidos de extrema direita. O segundo grupo é mais difuso, sendo composto majoritariamente de não eleitores, que o autor do estudo chama de “apoiadores inativos da direita iliberal”<sup>29</sup>.

De fato, como observou a cientista social polonesa Karolina Messasz há cerca de uma década, os jovens da Europa Centro-Oriental evitam definir a si mesmos como interessados em política, mas o desinteresse é uma posição que abrange “tanto pessoas que exibem uma falta de engajamento político sob qualquer forma (indiferentismo político) e pessoas que manifestam uma atitude negativa em relação à política e aos políticos dessa forma (contestação passiva)”<sup>30</sup>.

---

***Muitos estudiosos e especialistas têm uma visão excessivamente simples e otimista dos jovens na Europa Centro-Oriental, considerando que são progressistas idealistas desiludidos com as instituições de direita. A situação real é mais complexa.***

---

A título de exemplo, quando solicitados a registrar suas visões políticas em uma escala da esquerda para a direita e de um a dez, 46% dos jovens poloneses que declararam não ter visão política ou não saber como se posicionar na escala votaram no partido de extrema direita *Konfederacja* (Confederação Liberdade e Independência) nas eleições parlamentares de 2019<sup>31</sup>. O *Konfederacja* recebeu menos de sete por cento do total de votos expressos naquele ano. Uma parcela significativa de jovens do grupo de contestadores passivos podem ser mais bem compreendida como apoiadora latente da extrema direita.

Esses contestadores passivos podem não permanecer latentes por muito tempo. A extrema direita já obteve êxito em capturar os jovens da Europa Ocidental e Meridional — com grandes parcelas de eleitores jovens tendo optado por partidos de extrema direita na

França, Espanha e Itália em eleições recentes. Os jovens da Europa Ocidental e Meridional atualmente apresentam a mesma tendência, à medida que passam a apoiar ativamente alternativas de extrema direita. Em 2016, o *People's Party – Our Slovakia*, de extrema direita, não obteve nem mesmo um décimo do total de votos, mas recebeu um quarto de todos os votos de eleitores de primeira viagem. Em 2020, o partido novamente teve o melhor desempenho entre eleitores que votaram pela primeira vez e se saiu bem entre eleitores na casa dos 20 e 30 anos. Na Estônia, em 2019, uma pesquisa de mercado com 4.700 participantes mostrou que o EKRE era o partido mais popular entre pessoas de 18 a 24 anos, sendo que 23% delas o preferiam<sup>32</sup>.

Na Hungria, o MHM, de extrema direita, geralmente aparece entre os dois principais partidos entre eleitores com menos de 30 anos. Na eleição parlamentar tcheca de 2017, o partido de extrema direita SPD foi o segundo mais popular entre eleitores de 18 a 24 anos. Na eleição presidencial de 2020 na Croácia, os eleitores com menos de 30 anos deram ao líder do *Homeland Movement*, Miroslav Škoro, 32% dos votos — quase o dobro do que recebeu seu rival mais próximo<sup>33</sup>. Pesquisas de boca de urna das eleições parlamentares polonesas de 2019 e 2023 mostram que os eleitores mais jovens (com menos de 29 anos) estavam mais propensos do que qualquer outro grupo etário a apoiar a esquerda ou a extrema direita. Em 2019, um quinto votou no *Konfederacja* — o triplo da taxa de qualquer outro grupo etário. Em 2023, o *Konfederacja* quase repetiu esse desempenho, obtendo 18% dos votos expressos por eleitores com menos de 29 anos e superando o *Law and Justice* nessa faixa etária. A virada polonesa para a direita radical fica ainda mais visível se isolarmos na análise aqueles que votaram pela primeira vez: um estudo de 2023 com indivíduos entre 18 e 21 anos prestes a votar pela primeira vez nas eleições parlamentares daquele ano verificou que um terço tinha planos de apoiar o *Konfederacja*.

## Dentro da UE: um equilíbrio frágil

Uma visão panorâmica da política jovem na região sugere que a aceitação da cultura da UE por essa geração é frágil e condicional. Isto é, ela aceita a cultura da UE que a beneficia com maior facilidade de deslocamento entre fronteiras, melhor acesso a salários e padrões de vida mais altos, e liberdades pessoais adicionais na forma de (por exemplo) direitos das mulheres e LGBTQ. No entanto, como vimos, há fundamentos do projeto liberal-democrático que os jovens cidadãos da região não percebem como benéficos, e que seus governos podem até mesmo estar afirmando que acarretarão custos pessoais para eles. Uma grande quantidade de evidências de pesquisas, entrevistas e grupos focais confirma que o apoio à UE está diminuindo, particularmente quando se trata de multiculturalismo e proteções aos direitos de minorias. Se a extrema direita continuar a mobilizar esse grupo etário, esse frágil apoio só aumentará em importância para toda a UE.

Certamente, uma virada acentuada à direita não é a única consequência plausível. Talvez os jovens desinteressados permaneçam desinteressados, e sua inatividade política continue. No entanto, essa situação também seria motivo de preocupação, uma vez que isso retiraria de cena uma fonte de resistência potencialmente poderosa ao avanço autoritário na região. Nos Estados em processo de autocratização, como a Hungria, a reação da juventude contra violações de padrões democráticos tem sido fraca — um estado de coisas coerente com a tendência ao desinteresse e à alienação política dos jovens observados no país. Se não houver jovens e cidadãos aptos, em quantidade suficiente, que se tornem politicamente interessados e engajados, quem resistirá aos retrocessos democráticos, especialmente em momentos cruciais em que a autocratização ainda não se consolidou e possa talvez ser revertida? Se os números não apoiarem a democracia, é provável que o declínio democrático prossiga em toda a região.

Atualmente, muitos estudiosos e especialistas têm uma visão excessivamente simples e otimista dos jovens na Europa Ocidental e Meridional, considerando que são progressistas idealistas desiludidos com as instituições de direita. A situação real, como vimos, é mais complexa. Quando os partidos populares perceberem que suas bases tradicionais estão encolhendo e que devem se reorientar para ter um apelo mais forte junto aos eleitores jovens, esses partidos rapidamente se darão conta de que não têm a vantagem de terem sido os primeiros a avançar nessa área, pois a ambiciosa extrema direita os terá derrotado.

## Notas

1. Um crescimento semelhante do desinteresse entre os jovens foi observado na Europa Ocidental. Consulte Roberto Stefan Foa e Yascha Mounk, “The Danger of Deconsolidation: The Democratic Disconnect,” *Journal of Democracy* 27 (Julho de 2016): 5–17.
2. Laura Stoker e M. Kent Jennings, “Of Time and the Development of Partisan Polarization,” *American Journal of Political Science* 52 (Julho de 2008): 619–35.
3. Marcus Alexander e Fotini Christia, “Context Modularity of Human Altruism,” *Science* 334 (Dezembro de 2011): 1392–94; consulte também Luke N. Condra e Sera Linardi, “Casual Contact and Ethnic Bias: Experimental Evidence from Afghanistan,” *Journal of Politics* 81 (Julho de 2019): 1028–42.
4. Dominik Hangartner et al., “Does Exposure to the Refugee Crisis Make Natives More Hostile?” *American Political Science Review* 113 (Maio de 2019): 442–55.
5. National Democratic Institute (NDI), “Youth, Politics, Democracy: Public Opinion Research in Hungary, Poland and Slovakia,” 2018, 21.
6. NDI, “Youth, Politics, Democracy,” 9.
7. Marius Harring et al., “Youth Study—Growing up in Central Eastern Europe 2022: An International Comparison of the Living Conditions of Young People in Czech Republic, Hungary, Poland and Slovakia,” Friedrich Ebert Stiftung, Bonn, 2022, 49. Consulte <http://real.mtak.hu/155687>.
8. Com uma população de aproximadamente onze milhões de habitantes, a República Tcheca possivelmente tenha vinte mil muçulmanos. A Eslováquia (cerca de 5,5 milhões de habitantes) tem menos de seis mil muçulmanos e é o único Estado membro da UE sem uma única mesquita em seu território.
9. Marius Harring et al., “Youth Study—Personal Optimism, National Pessimism, Trust in Europe: A Comparison of Values, Attitudes and Plans of Young People in the Czech Republic, Estonia, Hungary, Latvia, Lithuania, Poland, and Slovakia,” Friedrich Ebert Stiftung, Bonn, 2023, 51–52. Consulte <https://library.fes.de/pdf-files/international/20050.pdf>.

10. Mārtiņš Kaprāns et al., “Youth Study—Baltic Countries,” Friedrich Ebert Stiftung, Bonn, 2022, 45. Consulte [https://skytte.ut.ee/sites/default/files/2022-05/Ebert\\_Youth%20study\\_Baltic%20countries\\_2022\\_.pdf](https://skytte.ut.ee/sites/default/files/2022-05/Ebert_Youth%20study_Baltic%20countries_2022_.pdf).
11. NDI, “Youth, Politics, Democracy,” 7.
12. Gabriele Magni e Andrew Reynolds, “Why Europe’s Right Embraces Gay Rights,” *Journal of Democracy* 34 (Janeiro de 2023): 50–64.
13. Sara R. Farris, *In the Name of Women’s Rights: The Rise of Femonationalism* (Durham: Duke University Press, 2017).
14. Matěj Jungwirth, Martin Kratochvíl e Martin Buchtík, “Youth Study—Czechia: Secure Presence, Challenging Future,” Friedrich Ebert Stiftung, Bonn, 2021, 42, <https://library.fes.de/pdf-files/id/19597-20221115.pdf>.
15. Masahiro Yamamoto, Matthew James Kushin e Francis Dalisay, “Social Media and Political Disengagement Among Young Adults: A Moderated Mediation Model of Cynicism, Efficacy, and Social Media Use on Apathy,” *Mass Communication and Society* 20, issue 2 (2017): 149–68.
16. Stephen C. Craig, Richard G. Niemi e Glenn E. Silver, “Political Efficacy and Trust: Um relatório sobre itens do estudo piloto do NES,” *Political Behavior* 12 (September 1990): 289–314. Consulte também Bruce E. Pinkleton e Erica Weintraub Austin, “Media Perceptions and Public Affairs Apathy in the Politically Inexperienced,” *Mass Communication and Society* 7, issue 3 (2004): 319–37.
17. Andrea Szabó, “University and College Students in Hungary, 2015” [in Hungarian], *Belvedere Meridionale*, 2015, 37. Consulte [http://real-eod.mtak.hu/9452/1/Szabo\\_Andrea-2015-Egyetemistak\\_ese\\_foiskolasok\\_Mo-n.pdf](http://real-eod.mtak.hu/9452/1/Szabo_Andrea-2015-Egyetemistak_ese_foiskolasok_Mo-n.pdf).
18. Justyna Kajta e Adam Mrozowicki, “Young People in Poland: Between Disappointment with the State and Hope for a Better Life,” Friedrich Ebert Stiftung, Bonn, 2022, 44. Consulte <https://library.fes.de/pdf-files/id/19162.pdf>.
19. Katarzyna Piasecka e Weronika Strzyżyńska, “‘We Have a Chance to Change Poland’: How Young Voters Shaped the Election Result,” *Guardian*, 21 October 2023.



20. Lili Bayer, “Why Central Europe’s Youth Roll Right,” *Politico*, 18 October 2016, [www.politico.eu/article/why-central-europes-youth-roll-right-voting-politics-visegard](http://www.politico.eu/article/why-central-europes-youth-roll-right-voting-politics-visegard).
21. Bayer, “Why Central Europe’s Youth Roll Right.”
22. Eszter Baráth, “The My Homeland Movement Launched a Poster Campaign” [in Hungarian], *FEOL*, 8 March 2023, [www.feol.hu/helyi-kozelet/2023/03/plakatkampanyt-inditott-a-mi-hazank-mozgalom](http://www.feol.hu/helyi-kozelet/2023/03/plakatkampanyt-inditott-a-mi-hazank-mozgalom).
23. Vassilis Petsinis, “Contentious Politics in the Baltics: The ‘New’ Wave of Right-Wing Populism in Estonia,” *openDemocracy*, 28 April 2016, [www.opendemocracy.net/en/can-europe-make-it/contentious-politics-in-baltics-new-wave-of-right-wing-populism](http://www.opendemocracy.net/en/can-europe-make-it/contentious-politics-in-baltics-new-wave-of-right-wing-populism).
24. Merili Nael e Marcus Turovski, “Why Are Young People Steering Clear of Politics?” Eesti Rahvusringhääling (ERR), 7 December 2022, <https://news.err.ee/1608812614/talk-show-why-are-young-people-steering-clear-of-politics>. Consulte também NDI, “Youth, Politics, Democracy,” 5.
25. Albert O. Hirschman, *Exit, Voice, and Loyalty: Responses to Decline in Firms, Organizations, and States* (Cambridge: Harvard University Press, 1970).
26. NDI, “Youth, Politics, Democracy,” 5.
27. Harring et al., “Youth Study,” 54.
28. Kajta and Mrozowicki, “Young People in Poland,” 44.
29. Milan W. Svolik et al., “In Europe, Democracy Erodes from the Right,” *Journal of Democracy* 34 (January 2023): 18.
30. Karolina Messyasz, “Political Attitudes of Polish Youth in the Light of Empirical Research” [in Polish], *Władza Sądzenia* 7 (2015): 75.
31. Kajta e Mrozowicki, “Young People in Poland,” 41.

32. Urmet Kook, “EKRE on Populaarseim Kõige Nooremas Vanusegrupis” [EKRE is the most popular in the youngest age group], Eesti Rahvusringhääling (ERR), 25 February 2019, [www.err.ee/914221/ekre-on-populaarseim-koige-nooremas-vanusegrupis](http://www.err.ee/914221/ekre-on-populaarseim-koige-nooremas-vanusegrupis).

33. Luka Ivan Jukic, “European Youth Will Not Bridge Europe’s Divides,” Al Jazeera, 11 August 2021, [www.aljazeera.com/opinions/2021/8/11/future-generations-will-not-bridge-europes-divides](http://www.aljazeera.com/opinions/2021/8/11/future-generations-will-not-bridge-europes-divides).

*Plataforma Democrática* ([www.plataformademocratica.org](http://www.plataformademocratica.org)) é uma iniciativa da Fundação FHC e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais dedicada a fortalecer a cultura e as instituições democráticas na América Latina, por meio da produção de conhecimento e da promoção do debate pluralista de ideias sobre as transformações da sociedade e da política na região e no mundo. Realiza pesquisas e seminários para estimular o diálogo entre os produtores de conhecimentos e os diferentes atores sociais e políticos sobre temas da atualidade.

Plataforma Democrática oferece uma infraestrutura virtual com uma biblioteca de livre acesso que inclui milhares de textos sobre temas relacionados à democracia na América Latina e um banco de dados sobre instituições de pesquisa na região.

### **As principais áreas de trabalho da Plataforma Democrática são:**

#### **Transformações Geopolíticas Globais e instituições democráticas:**

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#EstadoDemocracia>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#CambiosGeopoliticos>

#### **Meios de comunicação e Democracia:**

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#MediosComunicacion>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#EnsaioDemocracia>

#### **Sociedade civil e democracia:**

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#CohesionSocial>

#### **Bibliotecas virtuais:**

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/biblioteca>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/biblioteca-sociedade>

#### **Coleção Recursos de Pesquisa na Internet:**

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#RecursosPesquisa>